



REDACTOR PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR—JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração: Calçada do Combro, 88-A, 2.º

Lisboa—PORTUGAL

End. telegr. Talha—Lisboa • Telefone: 17

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## E' preciso mais

### NOTAS & COMENTARIOS

Chega a impressionar a insistência com que a imprensa burguesa vem, nos últimos tempos, tratando da carestia da vida em furibundos editoriais, recheados de períodos acesos, revolucionários, moldados. Contra a carestia da vida, diz, contra aqueles que a procuram e contra aqueles que a deixam arar, também nós temos escrito alguma coisa, e no que escrevemos vai reflectida toda a nossa profundíssima indignação, toda a nossa incoerente volta. E, afinal, vai a ver-se, isto de artigos de jornal não dá nada, não consegue reprimir, imperceptivelmente que a, a ganância da especulação, não segue modificar, nem muito nem pouco, a atitude governamental. Quando a própria imprensa burguesa publica artigos contra a burguesia, é por estar averiguado que os artigos não têm consequências. Houve tempos em que as coisas se passavam de diferente, e todos se lembram do profundo trabalho que, nos espíritos da França, fez o famoso *Journal de Zola*. Hoje, porém, os artigos são lidos friamente, desinteressadamente, apressadamente, e o espírito do leitor permanece ledo da doutrina exposta, que não é semelhante e fica estéril.

Resulta disto que, para combater a carestia da vida, outros processos temos que adoptar além das campanhas da imprensa, por mais hábeis e sinceras que essas campanhas sejam. Os especuladores, decididamente, não vão a em. Perderam a vergonha, despojam-se de pudor, olvidaram a decência, bem não vão. Os meios suávorios esbocam-se perante a sua desfezência. Os artigos de jornal são para eles letra morta. Enquanto os deixarem espelhar apenas com a miséria pública especuladora. Por outro lado, os governantes fecham os ouvidos aos clamores do povo, às suas pretensões, à sua justiça. Também eles não vão a bem. E será demasiada ingenuidade supor que artigos de jornal, já despidos de interesse porque não contêm matéria nova, poderão modificar a situação natural dos seus aspectos.

Chegados a esta conclusão, ao que se refere? Interessa-se que tem o operariado a lançar mão de meios mais energéticos, fecundos, e de depositar as suas esperanças de bem estar em outra coisa que não seja os artigos de jornal. E' certo que o operariado, a classe que com a carestia da vida mais sofreu e contra ela mais tenazmente tem lutado, não contentou com artigos de jornal tem empreendido, de há quatro

anos a esta parte, numerosos movimentos reivindicadores, para conseguir aumento de salário, que era a sua mais prática defesa. Esses movimentos reivindicadores foram quasi na totalidade coroados de êxito, mas êxito apenas aparente, efêmero, visto que muito breve se anulou os proveitos dele sacados. Assim é que as greves por aumento de salários se mostram quasi despidas de utilidade, meros paliativos que nada resolvem, panos quentes que nada curam.

Mas se se assenta em abandonar, por improficuas, as greves por maior salário, outra tática, melhor adequada às condições da época, deve vir substituir a abandonada, porque não há de o operariado, a população inteira morrer de fome, como aconteceria se se não mexesse e entrasse a confiar do destino a resolução dos problemas que mais a interessam.

Que tática nova poderá então vir substituir vantajosamente a antiga? Primeira que tudo é preciso preparar a revolução. Começar a visar um bocadinho mais longe. A revolução, sendo o produto do esforço de todos nós, está tanto mais próxima quanto maior for a nossa capacidade para exercer esse esforço. Contudo o grande trabalho de preparação, que a bem dizer não está encetado, pode prolongar-se por tempo mais que suficiente a sucumbirmos todos de miséria. E' necessário, portanto, iniciar-se e conservar-se uma outra espécie de acção cuja natureza nós classificáramos de política, se a palavra não se prestasse a compreensões mal entendidas. Uma acção política exercida pelos operários não significa que se inisquem estes nas pestilenciais instituições burguesas e capitalistas. A acção política do operariado, a acção política do sindicalismo significa empurrar fortemente os governos para um caminho mais sensato, mais equitativo, mais conforme aos justíssimos interesses dos trabalhadores. Estes empurros podem ir aumentando progressivamente de energia. Quando, em determinado momento, no esperado grande dia, a força operária atingir a precisa intensidade, o empurrão a dar-nos influirá na conduta dos governos burgueses: derrubá-los há definitivamente. No que acima fica dito estão as linhas gerais dum programa de acção operária. A verdade sai da discussão, e os correctivos suscitam o estudo e a reflexão. Mas, mais assim, mais assado, temos que agir e por novas maneiras. Com artigos de jornal é que as questões se não resolvem já.

### Neno Vasco

Conforme noticiámos, o nosso presado camarada e amigo Neno Vasco, um dos mais brilhantes colaboradores de *A Batalha*, achando-se gravemente enfermo, partiu para o Norte, a fim de tentar a cura na excelente Serra da Grazihera, no sanatório ali em construção, graças à iniciativa do sr. Ramalho, do Porto.

Está, porém, fazendo uma pre-estação de férias do Porto, no hotel de S. Romão, frequentando o mesmo nome, uma das localidades mais lindas do Norte, toda circundada de pinheiros, cujas exalações saudáveis proporcionam aos que ali se dirigem uma atmosfera agradável, ao mesmo tempo que a vista se embriaga na contemplação dum verde perfeitamente minhoto, como não o conhecemos mais formoso em terras portuguesas.

Neno Vasco, cuja situação económica é precária, está sendo mantido por um grupo de dedicados camaradas e amigos do Norte, que o tem rodeado do conforto que as suas condições de saúde reclamam. Para Neno as despesas que a família do esforço propagandista libertário realiza em Lisboa, onde se encontra, constituem-se aqui em outro grupo de camaradas e amigos de Neno Vasco, que contribui com uma cota mensal para esse efeito.

E assim se realiza uma das mais comoveiras obras de solidariedade que temos presenciado e da qual tam digno é o distinto jornalista e escritor.

### NA BOLÍVIA

Triunfa o movimento revolucionário

SANTIAGO, 16.—Comunicam oficialmente da Paz que o movimento revolucionário chefiado pelo general Saavedra obteve completo êxito, tendo já constituído o novo governo e ordenado novas eleições.

A presidência da República foi provisoriamente assumida pelo general Saavedra que, numa proclamação, afirmou as suas boas intenções e a manutenção da ordem.

O presidente deposto e o seu governo refugiaram-se na legação dos Estados Unidos da América.—(Rádio).

### União dos Sindicatos Operários

Em consequência de ter terminado a obra avançada a sessão dos delegados, que ficou por concluir, não podemos dar hoje o seu extracto.

### A felicidade de habitar...

Diz *A Epoca* de ontem que o palácio habitado por D. Amélia de Bragança, ex-rainha de Portugal, se encontra em obras e que por esse motivo irá morar com seu Augusto filho, D. Manuel de Bragança.

Aquela senhora, apesar de desterrada, ainda tem outro palácio habitável quando o seu está em obras. Agora o homem do povo, quando o pardiheiro vai para obras, só lhe pode valer os bancos da Avenida ou as enxovias do Limoeiro.

O grande detective Os comerciantes da Baixa e o sr. ministro do interior tem em grande consideração o grande detective Custódio das Dores. O *Diário de Notícias*, que também o aprecia, leia-lhe ontem elogios e diz que a sociedade lhe deve muito. Porque é muito útil à sociedade e aos comerciantes da Baixa, vai ser reintegrado no seu lugar de agente da polícia.

Lá que seja útil aos comerciantes, porque os tem livrados dos gatunos—está bem. Porém à sociedade é que ele não é útil. Se-lo ia se livrasse a sociedade dos comerciantes...

Projectos A Federação Nacional Republicana fez publicar no *Notícias* de ontem o que seria se fosse governo. Escusado é aqui transcrever o que a poderosa Federação se propõe fazer. Os leitores calculam—é hábito estabelecido—o que a Federação, como aliás todos os partidos quando fora do governo, projecta fazer.

Segundo a letra do programa, Portugal tornar-se-ia num paraíso tam desejável, que o Padre Eterno havia até de morrer-se de inveja, ao verificar a interioridade do seu.

ABC, que tudo vê, tudo sabe e tudo diz, viu que em Lisboa se trabalhava muito pouco ou mesmo nada; soube que um calceiro ao fim de três ou quatro horas de trabalho esgotante, parou um momento e acendeu um cigarro. Daí concluiu ABC, (que tudo vê, que o calceiro desperdiçava energia, mandava-lhe, disse que um desgraçado qualquer farto de andar empoleirado num andar, moido e cansado, preferiu deixar-se dormir ao sol, sem tocar no jantar.

ABC, que tudo vê, tudo sabe e tudo diz, não viu os snobs passeando na rua do Ouro a sua ociosidade; não soube que se perdia a energia de muito bom corpo, que por ser rico não trabalhava; não disse que no trottoir do Rossio era impossível passar devido à aglomeração dos que dedicam a sua energia à política, o que é uma outra maneira de nada fazer.

ABC tudo vê...

O divórcio Há homens que compram mulheres e vice-versa, segundo o lado onde estão dinheiros. O viver dos dois negociantes nem sempre é harmonioso, porque nem sempre o amor os liga. Geralmente apenas um é que ama, o que comprou, por isso teve conveniência em empregar na aquisição o seu capital ou o seu trabalho. Acontece, às vezes, o comprado, o que não ama, agradar-se de outro qualquer vivente... e aí temos o negócio em terra. Porque? Porque um se quer separar? Não, porque um quer levar parte dos bens...

Uma lição O caso de D. Maria Adelaide Coelho é uma lição. Esta senhora, ou foi a compradora ou a burlada. O marido foi o comprado. Um dia D. Maria Adelaide aborreceu-se da compra, que não correspondia ao que desejava ou fantasiava. Encontrou alguém que correspondesse ao seu amor, sem que para isso fosse necessário dinheiro. E segundo francamente, sem pensar em conveniências nem papéis, o que o seu íntimo lhe pedia, foi para esse alguém.

O primeiro marido barafustou. Porque? Por amor? Não, por dinheiro. Por dinheiro, classificou a mulher de doída e meteu-a numa casa de doídas.

Doída, não...—diz ela. Doída não—dizemos nós. Nunca teve tanto juízo como agora, porque foi humana. Doída sim, quando comprou um homem que a não amava.

Os sucessos de Saragoça

A sentença do conselho de guerra SARAGOÇA, 16.—A sentença promulgada pelo conselho de guerra resultou para julgar os implicados na última revolta militar desta capital, condenando à morte dois soldados, quatro a prisão perpétua e a outras penas um paisano, dez artilheiros e um cabo. Foram absolvidos dois dos acusados.—Rádio.

A Alemanha e os aliados

A entrega de carvão aos últimos LONDRES, 16.—Von Simons enviou a Lloyd George uma nota comunicando a aceitação pelos alemães das condições dos aliados sobre as entregas de carvão. A nota propõe, contudo, certas condições para essa entrega.

Primeira: a Alemanha terá a garantia de reservar para o seu consumo interno 1.500.000 toneladas, da produção da alta Silésia.

Segunda: nomeação duma comissão mista para inquirir desta necessidade. Terceira: garantia dum fornecimento adicional para as necessidades casuais da população alemã.

Estas propostas serão discutidas pelos aliados e a sua resposta deve ser entregue hoje.—Rádio.

## Evolução da tática operária

Delegados de oficinas—Conselhos de oficinas, de indústria e de operários

Pode ter-se por certo que este organismo, já agora formado, viverá e se desenvolverá, ganhando a si todo o proletariado britânico. Nascido nas indústrias metalúrgicas, ganhou a indústria têxtil e outras. A sua essência é o federalismo. Está em oposição com o sistema tradicional do sindicato de oficina e da federação dos sindicatos de um mesmo ofício, que tem tendências muito centralizadoras e muito burocráticas. Aí o poder tende a passar das mãos das massas proletárias para as dos funcionários dos sindicatos. Estes burocratizam-se, deixam de ser operários, e a pouco e pouco vivem em meios diferentes do meio das fábricas e das oficinas. Deixam de participar da vida operária, e, por conseguinte, de lhe perceber e conhecer as necessidades.

Afastam-se dos operários, ao passo que os diversos delegados de oficinas, de conselhos de oficinas, e de indústrias permanecem operários e vivem no meio dos operários. Deve notar-se também que este novo sistema de conselhos de indústrias e de conselhos locais e nacional leva por uma via diferente e mais racional ao mesmo fim que o sistema da amalgamação dos sindicatos de diversos ofícios em uma mesma indústria e em uma nação e que o sistema das alianças e dos cartéis entre indústrias diversas.

A importância deste movimento dos Conselhos de Operários é já tanta que certos conselhos publicam brochuras de propaganda e alguns periódicos hebdomadários e mensais os defendem com ardor. Todos os protagonistas dos Conselhos de Operários são contra o reconhecimento oficial desses conselhos pelos sindicatos. Julgam que isso tolheria a sua liberdade de acção e seria confessar que o sindicato de ofício é superior aos seus conselhos de operários, e portanto justamente o contrário do que eles pretendem. A maioria dos partidários dos Conselhos de Operários conta transformar pouco a pouco o sistema dos sindicatos de ofícios amalgamando-se-lhes, de maneira que todos os salarizados, qualquer que seja a sua categoria, estejam numa mesma organização sindical. A organização de oficina tornar-se-ia então a base de toda a estrutura industrial. Todos os aderentes a este movimento de conselhos de operários executam a fiscalização cada vez maior dos operários sobre a indústria, para atingirem o fim último da demolição do capitalismo. Uma pequena minoria neste movimento está consciente da revolução que opera pela sua existência e pela sua extensão. A organização proletária deixa de ter por base a ferramenta empregada pelo operário e edifica-se sobre a base do produto feito pelo operário. Deste modo desaparece o antagonismo entre os diversos ramos operários de uma mesma indústria. Assim como todos os salarizados de uma fábrica, desde o director até ao servente que varre os pátios, passando pelos engenheiros, os empregados de escritórios e os operários técnicos, estão ligados pelo seu acordo no trabalho para entregar ao consumidor produtos bons e belos, assim também bem mais poderosos que os interesses diferentes que podem ter pelo facto da diferenciação do seu trabalho.

Assustados com este movimento de conselhos de operários, alguns entre os dirigentes ou mesmo entre os sindicalistas, atribuíram o seu nascimento ao seu desvolvimento a "agitadores irresponsáveis", isto é, a agitadores sem mandato, utilizando as mais paixões das multidões. O erro é completo e absoluto. Este movimento nasceu do fundo das massas operárias, mas naturalmente foi adoptado e preconizado pelos mais ardentes militantes operários, os mais moços e entusiastas. Dá-se isto com toda a novidade, real ou aparente. Este movimento nasceu como outrora o movimento dos sindicatos. E está exposto às mesmas oposições e às mesmas denúncias que o movimento sindical encontrou. Esbarra com a hostilidade dos funcionários sindicais, que pretendem que é a anarquia e dão a esta palavra o sentido de "desordem". Outros vêem nele uma tendência para pôr de lado as autoridades estabelecidas. Emfim, há-os que pretendem que é a destruição do sindicalismo. Parece ao observador impávido que neste movimento há uma influência dos teóricos do comunismo anárquico, empregando a palavra "anarquia" no sentido de "sem amo e senhor, sem autoridades", e das tendências naturais do carácter britânico tam impregnado da ideia de liberdade, tam partidário do "self-government". Parece também que longe de ser uma destruição do sindicalismo, é a sua sublimação, uma sua forma mais perfeita, pois que nele a administração das coisas tende sem cessar a ser exercida pelo conjunto de todos os sindicatos.

Na evolução seguida pelo movimento operário, vemos um movimento que a princípio, no ponto de vista profissional, foi analítico—os sindicatos de ofícios—e que tende a tornar-se sintético—os conselhos de operários de oficinas. Nestes dois movimentos há agrupamentos e federações sucessivas, e ambos tendem ao mesmo fim. As objeções dos funcionários sindicais que se opõem ao movimento de conselhos de operários são, pois, simplesmente o efeito do misonismo assás geral nos seres humanos. E' uma novidade: para muitos é quanto basta para não prestar. Nota-se nisto um efeito psicológico da lei geral do menor esforço.

Encontra-se este mesmo efeito quando encaramos a atitude dos dirigentes em face do novo movimento. As greves, declarando-se, sem o consentimento dos funcionários sindicais, surpreenderam-nos e atemorizaram-nos, assim como a pretensão dos operários de fazerem contratos colectivos de oficinas ou de fábricas e não contratos colectivos de indústrias. Antigamente, ao raio do movimento sindical, todo o patronato se levantava contra o contrato colectivo de indústria que queriam os sindicatos. Foram precisos longos anos de luta para o impor e para fazer admitir pelo patrão que não devia ignorar o sindicato e que devia tratar com ele. O patronato vencido, procurou diminuir a sua derrota e alcançou-o em certo modo, graças à burocratização dos sindicatos. Por isso actualmente o patronato defende o contrato colectivo de indústria e pretende ignorar os seus operários e não conhecer senão o sindicato. A situação invertiu-se—em parte pelo menos—dado o que era antigamente. No ponto de vista sociológico, assistimos a uma espécie de movimento pendular; entretanto ele não se produz no mesmo sítio; nenhuma oscilação restabelece uma situação idêntica à precedente. Dantes tratava-se de contrato individual de trabalho cedendo o lugar ao contrato de trabalho colectivo de oficina ou de indústria, agora trata-se de contrato de trabalho colectivo de oficinas substituindo em parte o contrato de trabalho colectivo de oficinas e enxertando-se em alguns dos seus elementos.

Tudo o patronato procura impedir o movimento dos Conselhos de Operários, que lhe parece muito perigoso para a sociedade capitalista. Na sua opção tem o apoio do Governo, tanto mais facilmente, quanto o movimento dos Conselhos de Operários não é somente corporativo. Apresenta tendências políticas, porque um dos meios para a realização dos seus fins é a greve geral e a conquista do poder revolucionariamente. São ainda poucos os que exprimem este fim e este meio, mas é indubitável que a tendência existe, bastante pronunciada mesmo, na multidão do proletariado. Quem conhece a mentalidade do proletário britânico antes da guerra, nota quanto ela se modificou sob a influência dessa mesma guerra tão longa.

A. HAMON

NOTA.—Por lapso de xamos ontem de pôr a assinatura no artigo *A evolução da tática operária*, de que hoje damos a conclusão, é que é da autoria do nosso colaborador Augustin Hamon e extrai do seu livro *O movimento operário na Grã Bretanha*.

## AS GREVES

Pessoal da Imprensa Nacional

Está no mesmo pé o movimento em que se lançou o pessoal da Imprensa Nacional.

A sede do sindicato tem afluído muitos camaradas que, com todo o entusiasmo, trocam impressões sobre o andamento da greve, tendo nos ocasião de observar, por várias vezes, a força indestrutível com que se mantêm na luta.

Estamos absolutamente convencidos de que esta atitude firme e serena, de resto muito dignifica as camaradas da Imprensa Nacional, persistirá, com a maior vitalidade, enquanto não forem satisfeitas as suas reclamações.

Pessoal da Casa da Moeda

Na sessão magna do pessoal da Casa da Moeda, foi dado conhecimento da tabela que ha de ser apresentada ao presidente do futuro ministério, a qual foi aprovada por unanimidade.

O pessoal mantém-se com firmeza e coesão para prosseguir na luta, que todos reconhecem ser justíssima.

Sabe-se que para aquele estabelecimento do Estado, foram enviados al-

## O SIDONISMO REVIVE Como se arrancam declarações comprometedoras

Uma carta de dois operários presos

Acaba de nos chegar à mão uma carta que nos foi enviada pelos jovens operários Diogo Homénio Júnior e João Ferreira, presos na cadeia do Limoeiro e a quem a polícia dá como cúmplices na morte do juiz dr. Pedro de Matos, conforme consta da nota que a mesma polícia fez chegar aos jornais e que *A Batalha* publicou.

Nessa carta contam-se coisas deveras edificantes acerca da forma verdadeiramente inquisitorial usada pela polícia para arrancar aos supostos cúmplices declarações que os comprometessem, parecendo que só assim a polícia sabe apresentar criminosos.

Tais processos excedem os que no tempo do sidonismo foram usados: para com os indivíduos que então tiveram a infelicidade de passar pelos lóbrores calabouços do governo civil e que levantaram, aliás com justo motivo, um brado de protesto tam grande através do país que sobremaneira contribuiu a lançar por terra a situação sidonista.

A serem, como cremos, verdadeiros os factos expostos na carta que adiante publicamos, conclui-se que voltámos a esses tempos negregados, porquanto para arrancarem confissões comprometedoras aos presos não se contentaram os argutos policias em mantê-los incomunicáveis durante longos dias, o que já representa um considerável suplicio, mas levaram mais longe os seus processos inquisitoriais, não hesitando em agredir bárbaramente, a cavalo marinho, os presos, na ância de forçá-los a dizer o que desejavam, afirmando-se mesmo que uma das vítimas ainda apresenta sinais bem vivos das agressões que recebeu.

Urge que seja feito a essa criatura um exame médico, conforme ela reclama, e muito justamente, e a confirmar-se a versão corrente, os selvagens deve ser aplicado sem demora o correctivo necessário a impedir que voltem a praticar semelhantes façanhas, com o uso das quais não é difícil na verdade arrancar as pessoas de ânimo menos forte as mais estranhas confissões.

Lemos que os policias a quem são associadas as proezas que constam da carta que abaixo reproduzimos foram louvados pela *argúcia* que revelaram na descoberta dos pseudo-criminosos, o que para eles representa um estímulo à prática de idénticas selvajarias, não lhes sendo difícil, desde que de tais meios continuem a servir-se, descobrir nas pessoas que lhes caíam nas garras os autores de todos os delitos que lhes sejam atribuídos, embora com eles não tenham.

Eis a carta:

"Camarada redactor.—Vimos esclarecer os pontos que estão obscuros acerca da nossa prisão.

Dizem os jornais que os presos tinham confirmado as declarações feitas no governo civil sobre a morte do dr. Pedro de Matos. Ora no governo civil só estimo

mação de indemnização em certos trabalhos, declararam o *lock out*, a fim de obrigar os operários a aceitar, impelidos pela fome, as suas condições humilhantes. A classe reuniu e deliberou responder com uma reclamação de aumento de salário para todos os seus componentes. Já dura há cinco semanas tal movimento, mas a classe está na firme disposição de não voltar ao trabalho enquanto lhe não forem satisfeitas as suas reclamações.

O industrial Abrahams não tem querido receber as comissões no intuito de amesquinhar o nosso Sindicato.

EM OLHÃO

Os varredores e carroceiros regressam ao trabalho em face dum expediente inédito

OLHÃO, 14.—C.—Em virtude da energia e tenacidade que os operários varredores e carroceiros da Câmara mostraram por alguns dias aos seus verdugos, estes, os srs. camaristas, vendo a firme atitude em que se encontravam esses nossos camaradas, mandaram afixar uns editais para a admissão de novo pessoal, com o ordenado de 1500. Em vista, porém, daqueles camaradas continuarem na mesma firme atitude, a Câmara entendeu por bem substituí-los por alguns presos que aqui se encontravam, os quais, findos os trabalhos da limpeza pública, recolhiam de novo à cadeia. Viram-se então os camaradas em luta, perante este plano rocambolesco, obrigados a retomar os serviços nas condições anteriores.

Não podemos deixar de lastimar o inqualitável procedimento da câmara municipal, que cria assim no meio dos seus operários um ambiente de revolta. Mas o que estes não conseguiram agora, conseguem já não outra ocasião, já que a câmara assim o quer.

E depois digam que os operários são agitadores...

EM GUIMARÃES

A greve geral—As greves dos cutileiros e alfaiates

GUIMARÃES, 13.—C.—A paralisação já completa, só não aderiram os tecelões que não acompanham os seus camaradas em luta, resultando correntes da guarda republicana, que agrediu à pranchada alguns camaradas, na ocasião que esperavam os *amarelos* para lhes dar o pago da sua traição. A noite houve uma reunião, fazendo uso da palavra o camarada Gomes Alves, me-

vemos no posto antropométrico, retendo para as esquadras, incomunicáveis, onde estivemos até segunda-feira, dia em que entramos no Limoeiro, tendo estado sempre em rigorosa incomunicabilidade, não nos sendo permitida sequer escrever às famílias pedindo roupa para mudar e comida, pois desta, a que fornecem nas esquadras, além de exigua, é o que todos os que tem visitado as prisões bem podem calcular. As declarações por nós feitas à polícia foram sempre, até sexta-feira, protestando a nossa inocência no caso. A João Ferreira espantaram-no continuamente os agentes José Augusto, Duarte e Oliveira, mesmo com cavalos-marinhos, o que se verifica pelas escoriações que tem no corpo e pelas lesões internas, pelo que vai requerer o respectivo exame médico legal. Chegado o dia de sexta-feira, o João Ferreira, a quem os agentes puseram o sobrinho de *Estofador*, não sabemos porque, depois de barbaramente espancado por cinco agentes, que até lhe saltaram em cima com os pés, após terem-no prostrado, exangue, no solo, foi levado a um gabinete, onde declarou o que os agentes quiseram. E, como eles queriam mais vítimas, comprometeu Homénio Junior, levando assim satisfeitos os homens, que levaram este à presença do João, onde ele contou que tinha sido barbaramente agredido.

Ora na véspera o agente Duarte tinha agarrado numa vassoura e, com o cabo, deu no Homénio duas estocadas no baixo ventre e alguns socos, com a delicadeza que se pode imaginar. Homénio ouviu, pois, ler as declarações do João, em que dizia ter tomado parte no atentado, e outro remédio não teve senão confirmá-las, sob pena de lhe suceder o mesmo que ao João. Havia a escolher: ou dizer o que eles queriam ou a morte. Em face disto, considerou que era preferível dizer o que eles queriam, o que fez, posto que impensadamente, pois com a rapidez que os factos se passaram não teve tempo para julgar bem do que ia fazer. Recolheram depois os dois, incomunicáveis ainda, as esquadras, após o que deram entrada no Limoeiro, na segunda-feira. Ontem fomos chamados à presença de um juiz, que nos perguntou quais das declarações eram verdadeiras, ao que respondemos que eram falsas as últimas, em virtude de não traduzirem a verdade, e que as declarações prestadas até sexta-feira eram as verdadeiras, pois que as últimas não haviam sido arrancadas por processos verdadeiramente inquisitoriais empregados pela polícia, motivo porque declaramos o que ela queria, que era isto: termos estado na Avenida Almirante Reis para matar o dr. Pedro de Matos. Ora isto é que é a verdade das declarações prestadas por nós ao juiz, na cadeia do Limoeiro.

Como se vê, o sidonismo revive, apesar de se ter feito uma revolução para o derrubar...

talitúrgico do Porto. Apreciada a marcha do movimento e um ofício enviado pelos directores da fábrica cujo pessoal está em greve, resolveu-se que todas as classes retomassem o trabalho, com a esperança que hoje, terça-feira, os operários em luta sejam atendidos pelos industriais e voltem amanhã ao trabalho, com algum benefício.

—Continua o movimento dos operários cutileiros de Miradouro, devido à intransigência dos industriais, mas tudo parece indicar que se caminha para uma solução satisfatória.

—A classe dos alfaiates e costureiras acaba de declarar-se em greve reclamando um aumento de 100 000 sobre os salários actuais, e os operários fabricantes de calçado distribuíram hoje circulares reclamando também 100 000 sobre os actuais preços da mão de obra.

"ABC"

Está à venda o primeiro número da revista *ABC*, que se apresenta, como tivemos ocasião de dizer do número *specimen*—muito bem redigida e optimalemente ilustrada.

Prisões em Torres Vedras

Os operários gráficos Delfim Silva e António de Carvalho, que desta cidade haviam ido para trabalhar em Torres Vedras, após quatro dias de permanência ali e sem que para tal dessem motivo, foram presos quando muito sossegadamente ouviam música na Praça da República. Levados para a prisão, sob a arguição de que eram bolchevistas, ali estiveram até ao dia seguinte, sendo postos em liberdade pelo administrador do concelho, que não sabia de tais prisões, dizendo mesmo não as julgar justas.

As prisões foram feitas por um grupo de novos trauliteiros, assim com ares de dorcas da terra. Quem mandará ali, serão esses trauliteiros ou o administrador do concelho?

Voltamos à antiga?

Sociedade das Ciências Médicas

Hoje, pelas 21 horas, a Sociedade das Ciências Médicas, em sua sessão ordinária, ocupar-se-á da encéfalo letárgica e dum proposta do dr. J. A. Salgado, para que a referida Sociedade represente junto do Ministro da Agricultura contra o actual tipo único de pa-



A' Rapaziada!!!  
As valentes e pêras!

**Botas** pretas, para homem, a 1500,  
15420 e 1675.  
**Botas** brancas, **As Valentas**, a  
1500.  
**Botas** Pretas, duas solas, a  
1675.  
**Sapatos**, para senhora, a 1150,  
1450, 1500 e 1600.  
Grande variedade de calçado para  
criança, e de luxo para senhora.  
**Para a frente é que é!!!**  
**Venham ver os nossos preços!**

Fornecedores dos empregados dos  
Caminhos de Ferro Portugueses e  
do Sul e Sueste e da Cooperativa  
dos empregados do «Diário de No-  
ticias».

16, Largo Trindade Coelho, 17  
(Antigo Largo S. Roque) 27

**Não me ralo!**  
 Vou ali à **CHAPELARIA LUZITANA**, e por um preço baratíssimo, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e de uma solidez capaz de resistir a todos os vãos.

**CHAPELARIA LUZITANA**

Rua Arco Marquês do Alegrete, 46-51

**DAMIÃO & C.<sup>a</sup>**  
Especialidades em fatos, vestidos  
e chapéus para crianças  
**57, Rua Garrett, 59**  
**LISBOA**

(085) TELEFONE 2040

**CLINICA DENTÁRIA**  
**BARROS MARINHAS**

Extrações dentes por anestesia esp.  
Colocação dentes fixos e com placa.

25 - Rua de Santa Cruz - 35

ap. Caminhos de Ferro Portugueses

Novembro de 1894

Sede—Estação do Rossio—LISBOA

**ÉDITOS DE 30 DIAS**

contar da publicação do presente anúncio  
correm editos de 30 dias para se habilitar

Em junho da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes os herdeiros do falecido agente reformado, Daniel José Cardoso, inspector chefe de repartição que foi da Divisão de Material e Tracção, à pensão a ele legada como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de

contar da publicação do presente anúncio, correm editos de 50 dias para se habilitar, em junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, os herdeiros do falecido Sr. João Maria Ficke Cardoso.

vigilante da Divisão de Material de Guerra, José Machado dos Santos, à pena por ele legada como contribuinte da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 1.º de Maio de 1887, concorrendo à divisão impugnando o pedido em requerimento do cônjuge Henriqueta de Almeida Machado.

Santos e seus filhos José e Antonio. Sendo este prazo será tomada deliberação em conformidade com as disposições do Regulamento para os devidos efeitos. Lisboa, 7/7/920—O Chefe do Serviço de Estabilidade Central.—(a) M. A. A. Barreira.

de Royal

de l'aper  
ois

otam-Gois  
ade de papeis de em-

inhos, manteigueiro,  
uiles, escrita, impres-  
e carta, bem como  
ecial

**autados**  
itário geral

REIS, L<sup>da</sup>  
a—Telefone C. 4. 317  
Bento Tel. 219